

LI ALVESⁱ, PORTUGAL



«*Se a verdade dói, preparem-se para a dor.*»

Sai da escuridão para dizer que

há uma certa náusea que me causa um estrago
em (dó) suspenso
neste fôlego cansado de tanto sentir.
Por vezes apetece-me absorver o egoísmo.
Como os machos,
que tanto gostam de mostrar como se faz.

Sim.

Apetecem-me paredes de vidro,
daquele que se deixa ver de dentro para fora,
escondendo a verdade a quem passa do lado de lá.
Apetecem-me muros no meu quintal,
onde as flores são quase verdadeiras,
das que se deixam ouvir elogios de quem só olha e não vê.
Apetecem-me cercas de arame farpado,
que na escuridão da noite se tornam invisíveis
permitindo a luz de um sangue qualquer.

Quero que tragam esses homens até mim,
sangrando no chão,
até eu não conseguir olhar mais!

**Quero matá-los
Em mim.**

Há uma certa náusea que me causa um estrago absurdo...
que me racha a alma ao meio e me faz sentir inerte,
dormente
e morta.
Obsoleta.

Precisamente – nessa dormência – aí MESMO, nesse quarto fechado!
Nessa tépida demência, nesse silêncio maldito, abafado!
É aí que eu aconteço.

Ouvindo os (com)passos.
Tentando dançar a valsa dos sentados.
Com os pés doridos de tanto caminhar atrás da vossa sombra.

Olhem para os meus pés.

Nunca tive coragem de ter coragem.
Talvez porque sempre tive medo de ter medo.
Engraçado...
Pensava que era a única pessoa neste pêndulo idiota.

A Mulher passa a vida nisto.

Num turbilhão impetuoso com aquele que finge saber o que quer
Que finge dizer o que pensa
Que finge ser o que sente

Não há luz nesta sala!!!
Só existem pedaços de coisas mortas
suores frios em pontas dos pés numa corda bamba
à beira do abismo.
De garganta seca e fechada.

Passei a vida sentada entre homens que não me ouvem.

Entre os malditos que se rejubilam da minha menstruação
Fecham-me a porta na cara enquanto me chamam de louca.
Passei a vida pedindo licença para entrar.
Agora entro ao pontapé.
Foda-se as etiquetas.
A casa é minha.
Que eles se esvaíam em sangue no meu jardim,
Porque eu

sangro

desde que me conheço
e ainda não desapareci.

.

ⁱ **Li Alves** é poeta e artista de Spoken Word. É um dos membros fundadores da plataforma Portugal SLAM, e faz parte da sua coordenação desde 2016, onde organizou e produziu 3 festivais ao nível nacional. Foi vencedora do Torneio de Poetry Slam do Festival do Silêncio (Lisboa) em 2014, e representou nesse ano Portugal no 10^a Festival de Spoke'n'Word de Varsóvia. Ficou em 3^o lugar no Portugal SLAM 2016, e voltou a representar Portugal na 14^a edição do festival Spoke'n'Word, em Varsóvia, a convite do Instituto Português de Camões. Em 2015 lançou o seu projecto musical de spoken word Lacónico, em conjunto com o actor/músico Cristóvão Campos, com o qual já actuou em vários circuitos. É licenciada em Literatura Inglesa e Escrita Criativa pela Universidade de Lancaster, e certificou-se em Arte Pública e Pedagogia pela Universidade de Duke. É também Formadora Pedagógica certificada, e criou o Poetry Slam Academy em Março de 2021, por onde já passaram cerca de 40 poetas. Em Junho de 2021 publicou o CD-Livro *Acaso* com o projecto Lacónico, através da editora Cidade Nua (pela associação A Palavra). **E-mail:** li.alves.poeta@gmail.com